

# Jovens em Conflito com a Lei e as Marcas da Invisibilidade Social: a oferta de um espaço de escuta como potencialidade de se *fazer representar*.

**Autora:** Patrícia dos Passos Martins (Psicologia/ IPA)  
**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rose Gurski (Psicologia/UFRGS)

## Introdução

Este estudo apresenta a proposta de construção de um espaço de escuta para jovens em conflito com a lei que carecem de um olhar desprovido de julgamentos morais. Entendemos que a circulação da palavra é essencial para a quebra da invisibilidade que os cerca e também para a construção de novos meios de se fazer representar no laço social que ultrapassem a via da criminalização.

A partir da escuta realizada pelo projeto “*Jovens em Conflito com a Lei, a violência e o laço social*”, na FASE/RS com os meninos em ICPAE (Internação com Possibilidade de Atividade Externa), esses adolescentes passaram a ter um espaço para dividir seus sonhos e medos, suas angústias e incertezas quanto ao futuro de suas vidas. Apostamos que as construções que se dão a partir desta intervenção possibilitam novos modos de inserção no laço social. Assim, além do espaço conquistado pelas vias do crime, os jovens renovam olhares e viabilizam uma nova perspectiva de serem vistos e se fazerem representar. A pesquisa supracitada teve como embasamento teórico a Psicanálise, alguns escritos sobre juventude e violência e as elaborações acerca do tema da experiência em Walter Benjamin.

## Objetivos

- Reflexão acerca dos efeitos da escuta para a criação de novos modos de representação/inserção no laço social para os meninos da FASE.
- Pensar sobre como o dispositivo de escuta pode ser trabalhado em contextos institucionais.

## Caminhos Metodológicos

### Material Empírico

- Os **diários de experiência** dos bolsistas que participaram das oficinas de escuta realizadas na FASE/RS.
- As elaborações surgidas nas reuniões do grupo de pesquisa a partir da discussão dos textos teóricos em conjugação com o material empírico.

### Análise dos dados

- Recolhemos da Psicanálise: a atenção flutuante (Freud, 1912) e a noção de a posteriori (Freud, 1895) como um tempo em que os achados encontram as vias para formar uma relação de conjunto uma vez que sejam tecidos entre si e com a teoria (Moschen e Vasques, 2012)
- Tomamos de Walter Benjamin os efeitos ético-metodológicos que decantam das reflexões sobre o tema da experiência

## Walter Benjamin, Experiência e a Construção de Espaços de Escuta

A preocupação e o questionamento de Benjamin sobre o excesso de informação na modernidade dialogam cada vez mais com a constante aceleração em que vivemos. A pobreza de experiências se faz cada vez mais presente em nosso cotidiano – seja pela ausência de transmissão, pois o passado que não teve tempo de se construir fica impossibilitado de se relacionar com o presente, seja pela falta de tempo para transformação de vivências em experiências (Benjamin, 1933).

A partir da leitura dos diários, notamos que a rotina dos meninos da FASE é cheia de cobranças, cursos e atividades – chamadas de “*correrias*”. Pensamos que a construção de um espaço de escuta se configura como um momento que tensiona esse ritmo acelerado, uma vez que ele é pautado por um outro tempo, o tempo das experiências. A partir dessa outra temporalidade e do convite feito a eles de trazerem suas histórias e narrativas, a oficina proporciona condições de refletir acerca dessas tantas vivências dos adolescentes.

Para Benjamin, a narrativa é algo essencial para a construção do novo, onde o sujeito que narra reinventa-se a partir da palavra. “*O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes*” (Benjamin, 1936, p. 201). Acreditamos que a escuta se apresenta como um espaço acolhedor dessas possíveis narrativas, que facilita a criação de novos modos de se fazer representar no laço social que não seja apenas pelo delito. Seguindo as pistas de Benjamin, apostamos nos efeitos subjetivos não só daquele que narra, mas também daqueles que ouvem o relato do colega, “*seus ouvintes*”, para que seja possível operar deslizamentos significantes.

## Adolescência, Violência e (In)visibilidade

Acreditamos que o adolescente da periferia, até então invisível perante o laço social, passa a ganhar visibilidade a partir das marcas impressas em seu ato criminal. Logo, quando o adolescente chega na FASE, é representado, muitas vezes, como o ato em si. Essa visibilidade garantida pela via do crime é, todavia, bastante empobrecida simbolicamente. Segundo Gurski (2012), “*podemos pensar que, em grande parte dos massacres juvenis, fica em questão um apelo imaginário, cujo vetor parece ser inscrever um traço a fim de criar um lugar no Outro, ou seja, um lugar de representação simbólica do sujeito*”.

É a partir da visibilidade adquirida pelos delitos que esses adolescentes começam a ganhar seus “*espaços*” e até mesmo começam a ter acesso aos seus direitos básicos, porém essa visibilidade insere o adolescente como infrator no laço social, e o impossibilita ultrapassar essa marca. Além disso, a inscrição feita pelo delito traz consigo a repetição da invisibilidade dentro da instituição, pois o adolescente é visto apenas como ato – o que causa repetição da desqualificação da palavra desses meninos- e os possibilita apenas um modo de se fazer representar. É justamente aí que reside a importância da criação de um espaço de escuta para esses jovens, como um momento em que eles podem falar sobre suas vidas – seus sonhos, angústias e medos - e construir modos de representação no laço social a partir de uma narrativa plural que garanta a eles uma visibilidade que não seja apenas pela via do crime.

## Sobre um fragmento de experiência

“*Por um segundo eu me distrai da leitura da carta e Guilherme disse: ‘lê a carta, lê!!!’. Senti isso como um pedido: ‘olha pra mim, tô te mostrando um pedaço meu’.*”

O fragmento acima, registrado por um dos bolsistas, pode ser pensado a partir da questão da invisibilidade que se faz presente no cotidiano desses meninos. O pedido, dirigido ao oficinheiro, é de que ele seja *realmente olhado*. Além da falta de um olhar que já começa na infância, ao longo de suas vidas, situações de desvalorização da palavra e da falta de um lugar se constroem e se repetem dentro da instituição na qual eles estão cumprindo medida socioeducativa. Acreditamos que essa repetição da falta do olhar do outro pode gerar uma busca por espaços de representação no laço social através de delitos, pois de alguma forma o crime acaba configurando-se como uma via para esses meninos saírem do circuito do apagamento que os coloca no âmbito da invisibilidade social.

## Possibilidades de se fazer ver: a escuta psicanalítica

A escuta psicanalítica deve operar, segundo Freud (1912), sem um *a priori* e muito menos julgamentos morais. Essa ferramenta metodológica utilizada no espaço de escuta com os jovens da FASE tem como com intuito quebrar uma certa repetição que os acomete acerca da invisibilidade. Além disso, a escuta também busca produzir um espaço no qual seja possível oferecer a eles, pela via da circulação da palavra, a construção de uma representação com traços mais visíveis que não estejam ligados somente aos acontecimentos de transgressão e/ou violência. Traços estes presentes em suas próprias narrativas de vida, desenhados principalmente através da apropriação de experiências não relacionadas ao ato, ao crime, ao transgressor (relações amorosas, amizades, interesses de trabalho, incertezas do futuro). Pensamos que resgatar essas dimensões próprias da adolescência, aquelas vivenciadas por um jovem dentro ou fora da FASE, seja um modo de apropriá-los de sua visibilidade sem cair nos matizes relacionados às práticas violentas do ato.

## Considerações Finais

Ao longo das discussões da pesquisa, o tema da invisibilidade se fez muito presente. Tal característica nos remete à falta – de espaço, de estrutura, de possibilidades – que acompanha esses jovens e que, na maior parte das vezes, os impossibilita de criar novos modos de inserção ou de se fazer ver. Sabemos que trabalhar com o dispositivo de escuta em novas perspectivas leva tempo, além de ser algo construído a partir de erros e acertos; mas todo movimento é bem-vindo e faz parte desse processo. A partir dessa experiência, pensamos que a criação de espaços de circulação da palavra pode representar uma possibilidade de re-significação do lugar de desvalorização no qual esses meninos são colocados, tornando-os visíveis não pelo ato transgressor e/ou violento, mas pela palavra que apresenta variadas possibilidades.

### Referências:

Benjamin, W. (1933/1994). *Experiência e pobreza*. In Benjamin, W. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense.  
Benjamin, W. (1936/1994). *O Narrador*. In Benjamin, W. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense.  
GURSKI, R. (2012). *Três Ensaios Sobre Juventude e Violência*; São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Freud, S. (1912). *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Moshen, S. e Vasques, C. K. (2012). *A Construção do Caso como Dispositivo de Inclusão Escolar de Alunos de Zero a Cinco anos com Transtornos Globais de Desenvolvimento (Projeto de Pesquisa)*.